

VARIAÇÃO PRONOMINAL NA ESCRITA ACADÊMICA

Thais da Conceição Santos (UFRRJ)

thaissantosbrasil@gmail.com

Marli Hermenegilda Pereira (UFRRJ)

hpmarli@terra.com.br

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o uso variável dos pronomes demonstrativos de primeira e segunda pessoas na escrita acadêmica. Tendo em vista que a abordagem proposta para este estudo é a partir do uso real da língua, o corpus a ser utilizado é uma amostra constituída de artigos acadêmicos das áreas de engenharia e pedagogia, publicados em anais de congressos a partir de 2008. Dessa forma é possível identificar os contextos linguísticos que favorecem o uso de cada uma das formas variáveis e comparar os resultados obtidos com os encontrados em outras pesquisas sobre o mesmo fenômeno. Para a análise, será utilizado o arcabouço teórico e metodológico da sociolinguística variacionista ou quantitativa de origem laboviana. Para o exame do objeto de estudo da pesquisa, seguem-se os procedimentos metodológicos, tais como: revisão de literatura, levantamento e digitação dos trechos em que ocorrem os pronomes demonstrativos de primeira e segunda pessoa, codificação de cada ocorrência levando-se em conta os grupos de fatores a serem estabelecidos, análise qualitativa e quantitativa dos dados e divulgação dos resultados. Quanto aos resultados encontrados, verificou-se que as duas áreas selecionam, preferencialmente, o pronome demonstrativo *este* (e suas variantes) em função anafórica, evidenciando marcas da oralidade na escrita acadêmica.

Palavras-chave:

Heterogeneidade linguística. Pronomes demonstrativos. Escrita acadêmica.

1. Introdução

Este artigo visa apresentar as atividades desenvolvidas durante o período de julho de 2015 a agosto de 2016, a respeito do subprojeto intitulado "O uso variável dos pronomes demonstrativos em artigos acadêmicos", vinculado ao projeto principal "Variação e uso dos pronomes demonstrativos na escrita acadêmica".

Esta pesquisa tem por objetivo analisar o uso variável dos pronomes demonstrativos de primeira (*este* e suas variantes) e segunda (*esse* e suas variantes) pessoas na escrita acadêmica. Tendo em vista que a abordagem proposta para este estudo é a partir do uso real da língua, o corpus utilizado foi uma amostra constituída de 20 artigos acadêmicos das áreas

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

de engenharia e pedagogia, publicados em anais de congressos a partir de 2009.

Para a análise, foi utilizado o arcabouço teórico e metodológico da sociolinguística variacionista ou quantitativa de origem laboviana.

Esta pesquisa se justifica na medida em que elegeu, para objeto de estudo, o gênero artigo acadêmico, forma, particularmente, preferida pela comunidade acadêmica para divulgação dos resultados de sua pesquisa. Assim, conhecer as características gramaticais dessa escrita, é importante para que se produza um texto mais adequado e eficiente para alcançar seu propósito comunicativo.

2. *Revisão de literatura*

A sociolinguística é uma subárea da linguística e tem como objeto de investigação o estudo de fenômenos linguísticos variáveis, explicáveis à luz da relação entre língua e sociedade. “Para essa corrente, a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação” (PAIVA & DUARTE, 2003, p. 138). Com isso, para análise linguística é preciso considerar características relacionadas ao usuário como também aspectos textuais e comunicativos.

O principal precursor da sociolinguística foi Willian Labov que, na década de 60, cria a teoria da variação em que defende que a heterogeneidade linguística é inerente a qualquer língua natural. Segundo essa perspectiva, a variação não ocorre de maneira caótica, nem aleatória. É motivada por fatores linguísticos e extralinguísticos, como região geográfica, faixa etária, grau de escolaridade entre outros fatores. No Brasil, muitos estudiosos têm se debruçado sobre essa questão e pesquisado diversos fenômenos variáveis no português brasileiro. Um deles tem sido o uso variável dos pronomes demonstrativos na fala brasileira.

De acordo com a gramática tradicional,

Pronome é a classe de palavras categoremáticas que reúne unidades em numero limitado e que se refere a um significado léxico pela situação ou por outras palavras do contexto. De modo geral, esta referência é feita a um objeto substantivo considerando-o apenas como pessoa localizada do discurso. (BECHARA, 2000, p. 498)

Em outras palavras, pronome é a classe gramatical que define ou acompanha o substantivo. O pronome pode exercer várias funções, e cada uma com uma classificação diferente.

Em se tratando de pronomes demonstrativos, Evanildo Bechara (2000, p. 499) afirma que os pronomes demonstrativos “são os que indicam a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso. Esta localização pode ser no tempo, no espaço, ou no discurso: 1ª pessoa: este, esta, isto; 2ª pessoa: esse, essa, isso; 3ª pessoa: aquele, aquela, aquilo”. Esses pronomes podem fazer referência a seres, a pessoas, a assuntos localizados no espaço, no tempo ou no texto. Para fazer referência textual, a gramática normativa postula que, em função anafórica, deve-se usar o pronome de segunda pessoa (esse e suas variantes) e, em função catafórica, deve-se usar o pronome de primeira pessoa (este e suas variantes). Dessa forma, o registro padrão postula um quadro ternário (referência às três pessoas do discurso) em relação aos pronomes demonstrativos. No entanto, diversos trabalhos de natureza variacionista têm demonstrado que, na fala brasileira, esse quadro ternário se reduz a um quadro binário: pronomes de primeira e segunda pessoas (uso variável) X pronome de terceira pessoa.

Cláudia Roncarati fala sobre os estudos realizados no Rio de Janeiro, cujo objetivo era analisar os mostrativos presentes nas variedades da fala carioca. Tais estudos observam a tendência de os brasileiros em substituir “os mostrativos de primeira pessoa (*este* e *isto*) pelas formas de segunda pessoa (*esse* e *isso*)” (RONCARATI, 2003, p. 140), o que acarretou na redução dos mostrativos em dois tipos, sendo *este* e *esse* usados para fazer referência tanto para primeira quanto para segunda pessoas, indiscriminadamente, posto que são gramaticalmente equivalentes, todavia apresentando características estilísticas distintas; o outro tipo é *aquele*, cuja distinção das anteriores é feita pelo falante. A pesquisa teve como um de seus resultados a constatação de o uso de *esse* é priorizado pelo falante carioca. Foi constatado também que o discurso universitário prioriza, da mesma forma, o mostrativo *esse*, sendo *este* utilizado somente nos contextos mais formais. Procedendo semelhantemente à fala culta dos paulistas.

O estudo de César Nardeli Cambraia (2009) analisou as mudanças ocorridas no sistema mostrativo na fala carioca, observando a passagem do sistema tricotômico (formas de 1ª p.~de 2ª p. vs de 3ª) para o dicotômico (1ª e 2ª p. vs 3ª p.). A autora menciona que tais mudanças no sistema dos pronomes demonstrativos estaria afetando ou influenciando ou-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

tros sistemas linguísticos, como o espanhol, o galego, sardo, provençal, catalão, rético e romeno. Havendo, assim, uma aproximação do francês, o qual apresenta uma única forma, *ce*, para fazer a diferenciação entre as noções de aproximação e distanciamento.

A autora salienta que cada vez mais as pessoas fazem menos uso das formas *este e isto*. Segundo ela, amostras de pesquisas realizadas sinalizam que tais pronomes ou são pouco utilizados ou não o são de forma alguma. Essa tendência está se tornando frequente tanto nas falas individuais quanto em grupo, podendo perceber que o uso da forma *este é feito, preferencialmente, por* pessoas com mais de 40 anos de idade, o que prova que os jovens priorizam cada vez menos a distinção entre 1ª e 2ª pessoas.

A pesquisa de Maria da Conceição de Paiva e Maria Eugenia Lammoglia Duarte (2003) oferece uma explicação sobre como os demonstrativos exercem papéis como mecanismo compensatório. Sabe-se que, além de serem referenciais, há uma inversão dos seus significados, ou uma substituição dos mostrativos de primeira pessoa pelos de segunda pessoa.

A direção que os demonstrativos seguem também não se restringe ao meio que o sujeito vive, mas também aos fatores semântico-cognitivos. O sujeito costuma fazer uma marcação proximal ou distal e, assim, muitos colocam em prática o discurso e seus referenciais dentro do texto. Maria da Conceição de Paiva e Maria Eugenia Lammoglia Duarte (2003) verificam tal fato por meio de estudos, “O dado relevante a ser ressaltado, convergente no indivíduo e na comunidade, é que as formas de primeira pessoa, *este e isto*, se concentram em falantes de mais idade e em contextos discursivos-pragmáticos específicos (...)”. (PAIVA & DUARTE, p. 144, 2003)

Tal fato contribui para a não identificação dos referentes no processo de introdução e remissão.

A adoção desse enfoque analítico implica, então, substituir a noção de referência, amplamente à margem das condições de uso, pela de referenciação, o que, a nosso ver, implica conferir plasticidade à significação linguística: a referenciação, enquanto estratégia processual, cognitiva e interativa, pressupõe, então, uma concepção de língua como atividade negociada, em que a determinação de sentido se constitui (se molda) na interação social e historicamente inscrita. (PAIVA & DUARTE, p. 147, 2003).

Então, os pronomes passam a exercer função atributiva onde o sujeito os usa com a significação diferente. “Os referentes em destaque

constituem um modo de se referir atributivamente, de se designar papéis aos participantes ativados no contexto imediato da consciência (no sentido de Wallace Chafe 1994) de uma moldura comunicativa” (PAIVA & DUARTE, p. 148, 2003). Em geral, referem-se a algo, na condição de outra significação, como no exemplo “Esse aqui, isso aqui já é o peixe lá na praia, aqui sou eu que estava num barco e apareceu eu todo foi a metade do corpo”. Com isso, os mesmos têm perdido as noções de proximidade ou não e sendo necessário recorrer a outras formas gramaticais dêiticas como os advérbios de lugar *aí*, *aqui*, *ali*, *lá*.

Por fim, o trabalho de Monique Gusmão Sampaio (2014) investiga o uso variável dos demonstrativos em artigos acadêmicos nas áreas de computação e letras. Os resultados apontam para o uso preferencial do pronome demonstrativo de segunda pessoa em função anafórica. A autora afirma que embora a escrita acadêmica atenda à prescrição da gramática normativa, constata-se a ocorrência da forma não-canônica (*este*), correspondendo a 20% dos dados.

Os diversos estudos revelam que um fenômeno variável na fala está influenciando a modalidade escrita, até mesmo registros mais formais como a escrita acadêmica.

3. Metodologia

A metodologia adotada para realizar esta pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo, focalizando os aspectos linguísticos e sociais do uso dos demonstrativos na escrita acadêmica. Para a análise quantitativa, utilizamos os métodos e técnicas da sociolinguística variacionista de origem laboviana. Para verificar a distribuição dos dados de acordo com cada fator e identificá-los, utilizamos o pacote de programas computacionais que compõem o GOLDVARB2001.

Em relação aos procedimentos metodológicos, realizamos as seguintes atividades: levantamento dos trechos em que ocorreram os pronomes demonstrativos de primeira e segunda pessoas (e suas variantes); codificação de cada uso a partir de fatores linguísticos e textuais definidos; rodada dos dados através do programa de pacotes GOLDVARB-2001; organização de gráficos e tabelas e interpretação dos resultados.

A amostra é composta de 20 artigos acadêmicos, sendo 10 da área de pedagogia e 10 da área de engenharia, retirados da amostra acadêmica, organizada pelo grupo de pesquisa ELMEP/UFRRJ (Estudos Linguís-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

ticos, Multiletramentos e Ensino de Português). Esses artigos foram selecionados de anais de eventos científicos, publicados a partir de 2009.

Abaixo, listaremos e exemplificaremos os grupos de fatores utilizados para análise:

- Tipo de pronome

Pronome de primeira pessoa – *este*

Tendo em vista estas características podemos entender que o jogo dá liberdade e alivia a tensão de seus participantes, possibilitando uma “viagem” a um mundo de representação fazendo com que as pessoas fixem a atenção nas atividades previstas (P – 01³⁷)

Pronome de segunda pessoa – *esse*

Visando à maior eficiência *desse* novo mercado, aproximam-se os segmentos agrícola produção de grãos, industriais extração de óleo e de produção (E- 02)

- Classificação morfossintática

Pronome adjetivo – quando o pronome demonstrativo acompanha um nome

(...) Sem *essa* força resistente o veículo flutua sem controle, caracterizando o fenômeno conhecido por aquaplanagem ou hidroplanagem, quando, então, um acidente é inevitável. (E02)

Pronome substantivo – quando o pronome demonstrativo substitui o nome

(...) iniciando as disciplinas de estágio e práticas profissionais que requerem um posicionamento em relação a sua escolha profissional. *Esta*, nem sempre foi planejada (P 01)

- Papel coesivo – O papel coesivo também foi analisado. Quando o pronome atuava como *anáfora* (recupera informação) ou como *catáfora* (introduz uma informação). No entanto, não foram encontradas ocorrências com o uso catafórico.

Papel anafórico (pronome de primeira pessoa)

³⁷ Utilizamos os seguintes códigos para identificar os exemplos: P (pedagogia) e E (engenharia). Os números se referem aos artigos.

Isto porque pela primeira vez a lei que trata especificamente da população infantojuvenil passou a abarcar *este* público em sua (P01)

De um modo geral, a carga representa a parte do sistema acoplada ao eixo do rotor eólico sendo o multiplicador de velocidades e o gerador seus dois componentes principais. *Esta carga* exige do eixo do rotor um torque (E01)

- Aspectos semânticos (com base em Ingedore Grunfeld Villaça Koch, 2006)

Forma nominal definida – quando o sintagma nominal (SN) repete o elemento citado

(...) Podemos concluir que a significativa redução de fumaça que é obtida através do biodiesel de óleo usado, demonstrou que é viável reutilizar o óleo descartado de frituras para a produção *desse* combustível. (E02)

Essa ingênua e autoritária compreensão, além de negar aos homens de qualquer condição socioeconômica e época, o direito de ampliar (P02)

Forma genérica – quando o sintagma retoma a expressão, usando um nome genérico, com sentido geral

Adotou-se como pesquisa o estudo de caso, pois segundo Martins (2006, p. 9) *este* tipo de estudo deverá ser precedido por um detalhado planejamento a partir de... (P 01)

Forma metadiscursiva – a nomeação de referentes por meio de formas metalinguísticas ou metadiscursivas.

O princípio fundamental dessa lei está assentado na ideia da proteção integral a todas as crianças e adolescentes. *Esse* conceito vem substituir o contido no Código de Menores de 1979, de situação irregular, passando a impor à política da criança e do adolescente um caráter universal, afirmando direitos, como à saúde, à ... (P 02)

4. Análise e discussão dos resultados

Os dados do gráfico abaixo apresentam os resultados totais obtidos nas duas amostras (artigos acadêmicos das áreas de pedagogia e engenharia).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA



Gráfico 1 – dados totais nas duas amostras

A partir dos resultados acima, constata-se que, dos 446 dados coletados, 60% são do pronome de segunda pessoa (este) e suas variantes, em função anafórica. É importante, ainda, ressaltar que não foi encontrado nenhum caso de pronome catafórico. Nota-se que há uma substituição, ou uma adequação por parte do usuário, ao escolher o devido pronome demonstrativo para seu texto. Em contradição, no resultado da pesquisa de Monique Gusmão Sampaio (2014), a autora atesta que a maior parte dos dados, 81,4%, eram de “esse” e o restante, 18,6%, “este”. Os resultados de Monique Gusmão Sampaio afirmam que os dados atendem à prescrição canônica de uso dos pronomes, em função anafórica, mas, apesar disso, há ocorrências de forma não canônica que aparecem mesmo que em forma reduzida. Esses resultados reafirmam que a adequação do pronome ocorre por influência da oralidade do sujeito, por isso, encontra-se o uso variável dos pronomes demonstrativos até em registros mais próximos da língua padrão como é o caso da escrita acadêmica.

Procedemos também a uma análise dos dados (tabela 1), separadamente, por área.

Pronomes	Engenharia	Pedagogia
Esse	118/208 = 56.8%	60/238 = 25.3%
Este	90/208 = 43.2%	178/238 = 74.8%
Total	208/208 = 100%	238/238 = 100%

Tabela 1- Distribuição dos pronomes demonstrativos nas áreas de engenharia e pedagogia

Os resultados obtidos, por meio do programa GOLDVARB, mostram que as duas áreas usam tanto os pronomes demonstrativos de primeira (este) quanto os de segunda (esse) pessoas para função anafórica. No entanto, percebe-se que enquanto a área de Pedagogia seleciona, preferencialmente, o pronome de primeira pessoa para exercer esse papel discursivo, a área de engenharia não apresenta uma preferência por ne-

nhum dos dois tipos de estrutura gramatical. Como vimos, essa alternância de uso dos pronomes na escrita acadêmica já foi constatada na pesquisa de Monique Gusmão Sampaio (2014), refletindo a influência de um fenômeno variável na fala na escrita. Em sua pesquisa, a autora atesta que a área de letras apresenta maior frequência no uso da forma anafórica (segunda pessoa), forma canônica, com 71,9% dos pronomes demonstrativos analisados e apenas 28,1% das ocorrências na área de computação. A forma não canônica do uso de “este” apresentou resultados inversos, para computação 69,4% dos pronomes e letras 30,6%. A pesquisadora acredita que os resultados podem ser justificados pelo fato de o ensino de gramática não fazer parte do quadro de aprendizagem de outras áreas, diferentemente do campo de estudo em letras, no qual os estudantes se preocupam mais com as questões gramaticais.

Os dados da tabela 2 apresentam os resultados encontrados, nas duas áreas, para o *status* gramatical do pronome demonstrativo.

Status gramatical	esse	Este
Pronome adjetivo	171/179=95,5%	210/268=78,3%
Pronome substantivo	8/179=4,5%	58/268=21,7%
Total	179/179=100%	268/268=100%

Tabela 2 - Status gramatical do pronome demonstrativo

Em se tratando do status gramatical do pronome demonstrativo, os dados da tabela mostram que tanto *este* como *esse* funcionam, preferencialmente, como pronome adjetivo. No entanto, quando a função é substantiva a preferência é pelo *este*. Esses resultados são interessantes porque demonstram a natureza de determinante que esses pronomes assumem na escrita acadêmica e identificam um contexto de uso mais específico do pronome “este”, qual seja, o de substituir um nome.

Como se costuma atribuir aos pronomes demonstrativo um papel de coesão textual na medida em que fazem referência a elementos do discurso, investigamos, também, a natureza semântica desse mecanismo de referência.

Tipos de expressão	Este	Esse
Expressão nominal definida	183/215=85%	136/171=79%
Nome genérico	28/215=13%	27/171=16%
Nome metadiscursivo	4/215=2%	8/171=5%
Total	215/215=100%	171/171=100%

Tabela 3 – Tipos de expressão³⁸

³⁸ Os resultados numéricos desse grupo são menores, considerados apenas os pronomes adjetivos.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Os resultados mostram que a forma preferencial de ocorrência do pronome demonstrativo é a expressão nominal definida, o seja, o pronome ocorre dentro de um sintagma nominal, com a seguinte organização: Det + N (o determinante é o pronome demonstrativo e o nome é substantivo de natureza definida, já que foi citado anteriormente no texto).

Esse resultado reitera os encontrados por Monique Gusmão Sampaio (2014) em sua pesquisa por área disciplinar, letras e computação. A autora revela que, em letras, há o uso mais frequente em expressão definida pontual com 62% em oposição com 38% de computação, como justificativa, a autora acredita que essa ocorrência é possível devido aos recursos linguísticos que a própria área oferece, mas que tal afirmação deve ser analisada de forma mais aprofundada. Além disso, Monique Gusmão Sampaio apresenta um gráfico com tipos de expressão definida pontual, com 176 dados, e um pouco próximo a esses dados, há a atividade linguageira, como a amostra contendo 113 dados. Isso, assim, reforça a ideia de que “a seleção de estruturas nominais definidas de natureza pontual garante uma maior clareza ao texto acadêmico e funciona como um importante recurso de coesão textual nesse tipo de gênero”. (GUSMÃO, 2014, p. 45)

5. *Considerações finais*

Essa pesquisa nos trouxe muitos conhecimentos acerca da variação pronominal na escrita acadêmica. Mostrou que a força da variação linguística é tão forte que acaba influenciando os usos linguísticos mais próximos da norma padrão da língua, como é o caso da escrita acadêmica.

Mesmo a escrita padrão não é homogênea. Ela também revela interferências de variáveis não linguísticas, como é o caso da área disciplinar. Em relação ao uso dos pronomes demonstrativos, constatou-se que há a predominância do pronome de primeira pessoa (este), em função anafórica, na amostra analisada. Esse uso não é o prescrito pela gramática normativa e revela a influência de fenômenos variáveis na escrita.

Tivemos como base teórica diferentes estudiosos da área e pensamos também ter contribuído de alguma forma para este campo dos estudos linguísticos. Nossa pesquisa precisa, indubitavelmente, de continuidade e maior aprofundamento. Um refinamento ou filtragem cada vez

mais detalhado vai chegar a um ponto onde realmente podemos encontrar dados muito relevantes para deslindar a natureza dessa escrita acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

CAMBRAIA, César Nardeli. Demonstrativos na România Nova: português brasileiro X espanhol mexicano. *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*. Belo Horizonte, vol. 14, p. 7-34, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: FAPERJ; Contra Capa, 2003.

ROBINSON, Lion; TAGLIAMONTE, Sali A. *Goldvarb2001: a multivariate analysis application for Windows*. Impresso. Goldvarb2001.

RONCARATI, Cláudia. Os mostrativos na variedade carioca falada. In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 139-157.

SAMPAIO, Monique Gusmão. *O uso variável dos pronomes demonstrativos na escrita acadêmica*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras). – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica.